

Faianças Portuguesas em Contexto de Lixeira da Setúbal Moderna¹

Susana Duarte *
Carlos Tavares da Silva *

RESUMO

A intervenção arqueológica levada a efeito no lote a que correspondem os n.ºs. 67 e 69 da Avenida 5 de Outubro, em Setúbal, localizado no exterior do perímetro muralhado da Baixa Idade Média, integra-se no Projecto de Investigação sobre as Preexistências de Setúbal, da responsabilidade do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

No local em apreço, de ocupação relativamente recente, documentou-se, estratigraficamente, a evolução urbana posterior à construção da primeira linha de muralhas (séc. XIV-XV). O sítio correspondeu a uma área pantanosa, muito provavelmente até ao século XIII/XIV.

A urbanização do espaço intramuros deverá ter-se aproximado do pano norte da cerca durante o século XVI. Com efeito, a partir deste período e durante o século XVII, acumularam-se lixos domésticos contra a face externa da muralha (Cs.8A e 8B). De entre os artefactos recolhidos salientamos a presença de faiança de produção nacional, pintada a azul, com representações vegetalistas e geométricas, a par de louças finas importadas, como faiança italiana (azul *berettino*), *stoneware* germânico e porcelana chinesa.

Palavras chave: Faiança portuguesa; faiança italiana; porcelana chinesa; centro histórico de Setúbal.

ABSTRACT

The archaeological excavation carried out at n.º 67-69 of Avenida 5 de Outubro (Setúbal), located outside of the Middle Age walled perimeter has been developed in Setúbal by the Archaeological and Ethnographical Museum of District of Setúbal (MAEDS).

The main results documented the urban evolution after the construction of the first line of walls (14th - 15th centuries). Indeed, the urbanization inside the walls should be approached the northern wall during the 16th century.

Since 16th century and during the 17th century, domestic dump was accumulated near the outer face of the wall (layers 8A and 8B). In these layers stands out the presence of Portuguese faience with floral and geometric decorative motifs painted in blue. Italian faience (blue *berettino*), Seville majolica, German stoneware and Chinese porcelain have also been found though in smaller amounts.

Keywords: Portuguese faience; Italian faience; Chinese porcelain; historical centre of Setúbal.

INTRODUÇÃO

A presente intervenção arqueológica foi realizada, durante o mês de Abril de 2010, na Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69, em Setúbal, integrando-se no projecto de investigação sobre as preexistências de Setúbal, da responsabilidade do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Os trabalhos arqueológicos foram codirigidos por Joaquina Soares e por um dos signatários (C.T.S.), coadjuvados pela signatária Susana Duarte, pela arqueóloga Antónia Coelho-Soares e pelo técnico de Arqueologia António Júlio Costa; contaram, ainda, com o apoio de um trabalhador indiferenciado financiado pelo proprietário do imóvel.

O lote intervencionado (n.ºs. 67-69 daquela artéria) inscreve-se num prédio urbano de dimensões bastante exíguas (44,20m²), tendo apenas uma fachada livre de confrontação, e numa malha urbana genericamente fragilizada em termos de conservação (Fig. 1).

Assim, procedeu-se à abertura de uma sondagem arqueológica com 7m de comprimento e 2 a 2,5m de largura, perpendicular à face externa da muralha medieval, sondagem que permitiu documentar, estratigraficamente, a evolução urbana posterior à construção da primeira linha de muralhas (séc. XIV-XV). O local foi ocupado por área pantanosa, muito provavelmente até ao século XIII/XIV. A mura-

1 - Texto da conferência apresentada ao 1.º Congresso Internacional de Faiança Portuguesa no Mundo no Museu Nacional de Arte Antiga em 2013.

* Centro de Estudos Arqueológicos / Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (e-mail cea.maeds@mail.telepac.pt).



Fig. 1 - Localização do lote intervencionado, na Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69, em planta da área urbana de Setúbal.

Iha foi construída quando essa área já se encontrava seca, como pudemos verificar pela presença de estrato de sapal alto, de argilas em processo de oxidação, cortado pela parte superior do alicerce da muralha. Nos séculos XVI e XVII, contra a face externa desta, acumularam-se lixos domésticos (Cs.8A e 8B), resultantes do crescimento, intramuros, do aglomerado urbano, que durante o século XVI se aproximou do pano norte da mesma estrutura defensiva.

ESTRATIGRAFIA

A sondagem realizada permitiu registar a seguinte leitura estratigráfica a partir do perfil este (Fig. 2):

C.1A – Piso de tijoleira correspondente à última utilização do espaço edificado. Espessura *ca* 2 cm.

C.1B – Sub-base do piso de tijoleira constituído por nível de cimento. Espessura *ca* 8 cm.

C.1C – Entulhos grosseiros, de cor amarelada, formados por blocos pétreos de pequena a grande dimensão e fragmentos de tijolo. Espessura *ca* 50 cm.

C.2A – Piso de tijoleira, muito destruído, com *ca* 5 cm de espessura.

C.2B – Sub-base do piso de tijoleira, constituída por argamassas. Espessura *ca* 10 cm.

C.3 – Depósito formado por argamassas, materiais de construção, cerâmica da primeira metade do século XVIII e alguns vidros. Espessura *ca* 8 cm.

C.4 – Depósito arenoso com entulhos finos, alguns carvões, vidros e cerâmicas dos finais do século XVII/inícios do século XVIII. Espessura *ca* 18 cm.

C.5 – Camada heterogênea com material de construção, salientando-se a presença de azulejos, fauna (mamalógica e malacológica), metais (pregos e fivela) e cerâmicas dos finais do século XVII (cerâmica comum, cerâmica vidrada e faiança). Espessura *ca* 40 cm.

C.6 – Depósito argiloso de cor castanha com inclusão de alguns carvões, vidros e cerâmica do séculos XVII (cerâmica comum, cerâmica vidrada, cerâmica esmaltada e faiança). Espessura 8 - 50 cm.

C.7 – Camada constituída por argamassas e alguns elementos pétreos de pequenas e médias dimensões, sem materiais arqueológicos. Espessura *ca* 18 cm.

C.8A – Nível de lixeira composto por fauna (mamalógica e malacológica), materiais de construção, vidros, metais, 1 numisma e cerâmica dos séculos XVI-XVII (cerâmica comum, cerâmica vidrada,

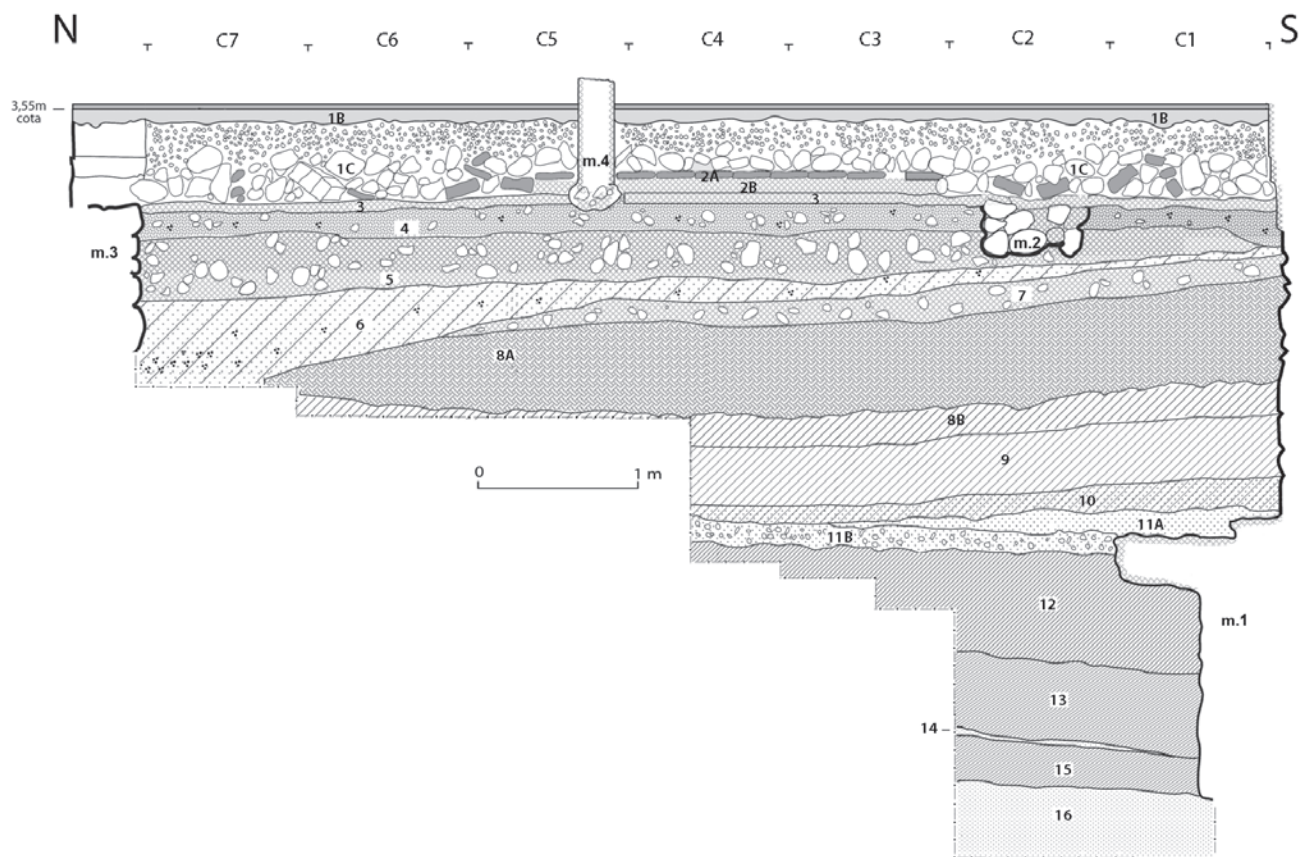


Fig. 2 - Avenida 5 de Outubro, nºs 67-69. Perfil estratigráfico proporcionado pela sondagem arqueológica.

grés, cerâmica esmaltada, faiança e porcelana). Espessura *ca* 64 cm.

C.8B – Argilas castanho-avermelhadas, contendo materiais cerâmicos, dos séculos XVI-XVII, correspondentes à primeira utilização deste espaço como lixeira. Esta camada integra fauna (mamalógica e malacológica), vidros, metais, cerâmica (cerâmica comum, cerâmica vidrada, grés, cerâmica esmaltada, faiança e porcelana chinesa) e 4 numismas (1 ceitil de Afonso V e 3 numismas muito danificados com cronologia indeterminada). Espessura *ca* 22 cm.

C.9 – Argilas castanho-avermelhadas, sem materiais arqueológicos. Espessura *ca* 38 cm.

C.10 – Depósito argilo-arenoso de cor cinzenta, sem materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 18 cm.

C.11A – Nível de areão de rio, grosseiro, sem materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 18 cm.

C.11B – Nível de areão de rio, grosseiro, com seixos de quartzo, rolados, sem materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 14 cm.

C.12 – Argila de cor cinzento-esverdeada in-

tercalada com argila de cor castanho-avermelhada, sem materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 70 cm.

C.13 – Argilas lodosas, sem materiais arqueológicos. Espessura máxima *ca* 50 cm.

C.14 – Lenticula de areia de grão fino, sem materiais arqueológicos. Espessura 4 cm.

C.15 – Argilas lodosas com zonas negras, sem materiais arqueológicos. Espessura 28 cm.

C.16 – Areia de praia, acinzentada, sem materiais arqueológicos. Escavada *ca* 50cm.

ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS

O troço da muralha medieval (m.1) posto a descoberto e que limitava o lote a sul representa a estrutura mais antiga revelada pela nossa intervenção; tivemos, apenas, acesso à sua face externa. Conserva-se, neste local, o alicerce, com cerca de 1,1m de altura, e zona subaérea, que mantinha a altura de cerca de 1m. Entre o alicerce e esta última, foi construída uma “sapata” rica em argamassa de

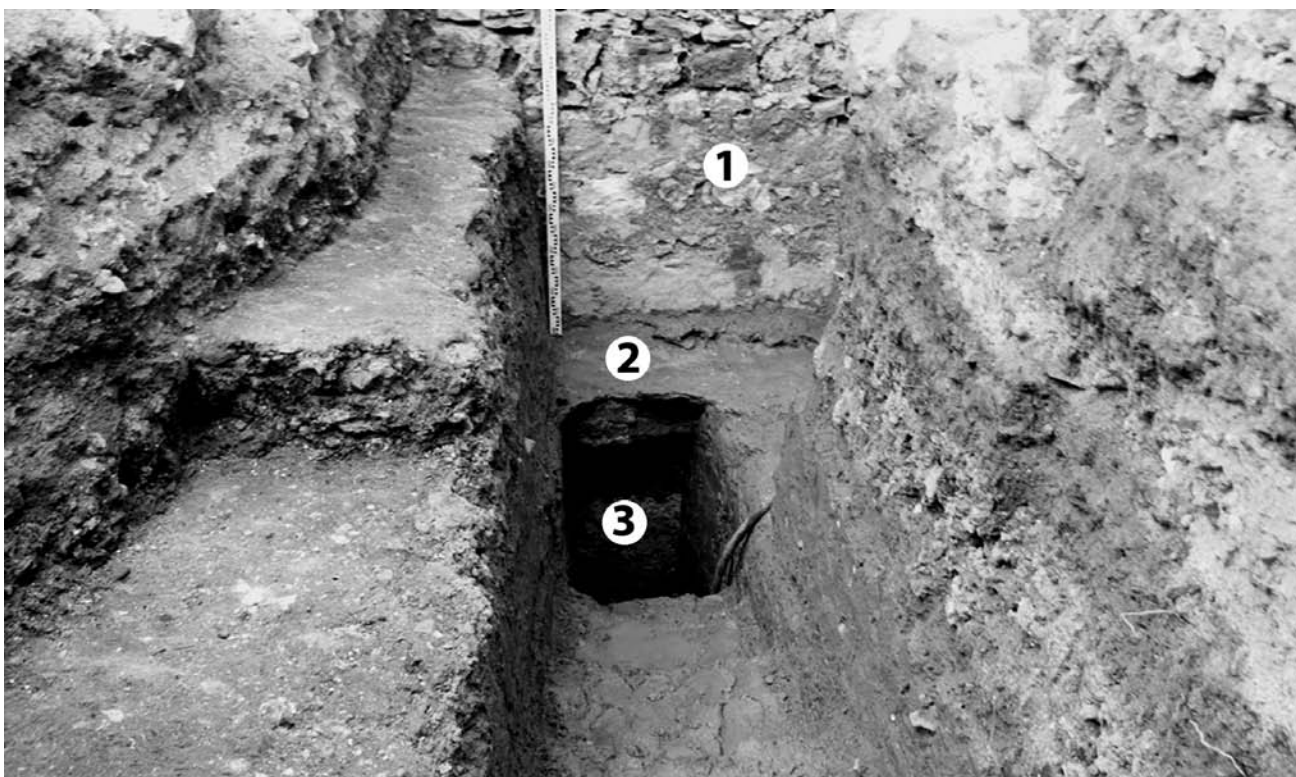


Fig. 3 - Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69. Aspecto da área intervencionada com especial destaque para a estrutura em “sapata” (2) construída entre o alicerce (3) e a zona subaérea (1) da muralha medieval.



Fig. 4 - Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69. Pormenor da face externa da muralha medieval.

cal e areia, com cerca de 1m de largura e 0,25m de espessura. Esta “sapata” contribuiria para a estabilidade estrutural da muralha, edificada em meio pouco consolidado (Figs. 3 e 4).

De notar que o alicerce foi implantado em terrenos lodosos (Cs. 12, 13 e 15), cujo nível superior (C.12) ofereceu vestígios de oxidação, podendo, assim, corresponder a sapal alto aqui existente quando da construção da muralha. A face externa da zona subaérea mostrava ainda restos de reboco de cal e areia.

Só a partir dos inícios do século XVIII, a área do lote começou a ser edificada. Com efeito, a escavação revelou no Q. C2, e com expressão apenas no perfil este da sondagem, o alicerce de muro (m.2) de orientação este-oeste, com cerca de 0,55m de largura e conservando 0,25m de altura, muro que foi destruído quando da construção do pavimento de tijoleira da C.2A. Este alicerce foi coberto pela C.3 – nível de regularização (destinado a receber o referido pavimento) que continha cerâmica da primeira metade do século XVIII –; por outro lado, cortou a C.4 e o topo da 5, com cerâmicas dos finais do século XVII / inícios do século XVIII. Assim, a datação que propomos para esta estrutura centrar-se-á no início do século XVIII.

O referido pavimento de tijoleira (C.2A) estava em conexão com os muros 3 e 4. Se atendermos aos materiais que integravam a C.3, podemos datá-lo do século XVIII.

O m.3 constitui a fachada (que ficou conservada) que chegou aos nossos dias. O seu alicerce dilata-se, internamente, 0,35m em relação à face da parte subaérea, e possui 0,7m de altura, tendo cortado as Cs. 4, 5 e o topo da 6. O m.4 é um simples tabique, com 0,18m de largura, construído à base de argamassa de cal e areia; o seu alicerce, apenas com 0,15m de altura, fundava-se nas Cs. 2B e 3. Embora remontando ao século XVIII, manteve-se durante a última fase de utilização do edifício. A esta, pertence o pavimento, igualmente de tijoleira, da C.1A.

ESPÓLIO CERÂMICO

O espólio cerâmico proveniente do nível de lixeira (Cs.8A e 8B), objecto do presente estudo, caracteriza-se, maioritariamente, por recipientes de produção nacional (local e/ou regional) com 96,2%, distribuídos pelas categorias tecnológicas de cerâmica comum, cerâmica vidrada, cerâmica esmaltada e faiança; a cerâmica de importação, com 3,8%, corresponde a produções germânicas, holandesas, sevilhanas, italianas e chinesas (Quadros I e II).

Quadro I - Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69. Contexto de lixeira dos finais do século XVI ao terceiro quartel do século XVII (Cs. 8A e 8B). Grupos tecnológicos de produção cerâmica.

Grupos tecnológicos	N	%
Cerâmica de produção nacional	1749	96,2
Cerâmica comum	1373	75,5
<i>pasta grosseira</i>	1328	73,0
<i>pasta fina modelada</i>	39	2,1
<i>aplicações empedradas</i>	6	0,3
Cerâmica vidrada	150	8,3
Cerâmica esmaltada	68	3,7
Faiança	155	8,5
Cerâmica industrial	3	0,2
Cerâmica de importação	69	3,8
Cerâmica caulinitica holandesa	1	0,1
Stoneware germânico	4	0,2
Cerâmica esmaltada valenciana	1	0,1
Cerâmica esmaltada sevilhana	16	0,9
Faiança ligure	10	0,6
Porcelana chinesa	37	2,0
Total	1818	100,0

Cerâmica de produção nacional

A cerâmica comum, de pasta grosseira, apresenta cor avermelhada com textura de aspecto esponjoso, cozedura em ambiente genericamente oxidante, contendo elementos não plásticos de quartzo hialino, mica e cerâmica moída, de grão médio (0,5mm), podendo atingir, excepcionalmente, 1mm. Esta categoria tecnológica representa 73% da totalidade do espólio exumado nesta lixeira. A diversidade morfofuncional dos recipientes cerâmicos parece revelar carácter eminentemente doméstico, predominando frigideiras/caçoilas (26,36%) e panelas (19,58%), seguidas de bilhas/infusas (11,52%), testos/tampas (8,28%), pratos (6,93%), fogareiros (6,33%) e alguidares (6,02%); as restantes, ainda que residuais, distribuem-se pelas formas de púcaro, pote, talha, cântaro, jarro, garrafa/cantil e funil (Fig. 5). Atendendo à elevada frequência destas cerâmicas nos vários contextos arqueológicos exumados no centro histórico de Setúbal, pelo MAEDS, podemos inferir tratar-se de produções locais (Braga, 1989 e 1998, p. 129; Duarte *et al.*, 2014; Soares *et al.*, 2005-2007; Tavares da Silva *et al.*, 2004). Ainda que, até à data, não tenha sido identificado nenhum contexto de olaria para este período cronológico, a possibilidade da mesma existir é elevada; tendo em conta que já no período romano a margem direita do rio Sado

Quadro II - Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69. Distribuição da cerâmica de produção nacional (local e/ou regional) pelas categorias tecnológicas de produção cerâmica e respectivos grupos de carácter funcional.

CERÂMICA DE PRODUÇÃO NACIONAL (LOCAL E/OU REGIONAL)												
GRUPO DE CARÁCTER FUNCIONAL	FORMAS	Cerâmica Comum				Cerâmica vidrada		Cerâmica esmaltada		Faiança		Cerâmica industrial
		Pasta grosseira		modelada / empedrada		N	%	N	%	N	%	
		N	%	N	%							
Cerâmica de cozinha	Frigideira/caçoila	350	26,36			38	25,33					
	Alguidar	80	6,02			50	33,33	1	1,47			
	Panela	260	19,58			2	1,33					
	Púcaro	61	4,59	18	40,0							
Cerâmica de mesa	Taça/tigela	39	2,94	15	33,33	19	12,67			30	19,35	
	Escudela							24	35,29			
	Prato	92	6,93	1	2,22	8	5,33	41	60,29	77	49,68	
Cerâmica de armazenamento e transporte	Infusa/bilha	153	11,52	1	2,22							
	Cântaro	4	0,30									
	Garrafa	13	0,98									
	Pote	64	4,82	4	8,89	10	6,67	1	1,47	2	1,29	
	Jarrinha									2	1,29	
	Jarro	10	0,75			1	0,67					
	Talha	7	0,53									
	Fogareiro	84	6,33									
Diversos	Funil	1	0,08									
	Testo/tampa	110	8,28	3	6,67	5	3,33					
	Vaso de noite					14	9,33					
	Malha de jogo					3	2,0	1	1,47		1	
	Peso de rede										2	
	Indeterminada			3	6,67					44	28,39	
Total		1328	100,0	45	100,0	150	100,0	68	100,0	155	100,0	3

e Setúbal foram palco de intensa actividade oleira para a produção de ânforas, destinadas ao transporte de salgas de peixe (Mayet *et al.*, 1998).

Recolhemos, ainda, cerâmica comum com paredes de espessura reduzida, *ca* 3mm, por vezes modelada (2,1%), destacando-se os púcaros e as taças. As pastas apresentam textura compacta laranja/avermelhada, contendo elementos não plásticos vermelhos de granulometria muito fina (inferior a 0,1mm). Também surgem cerâmicas com aplicações empedradas (0,3%), de quartzos com pastas mais grosseiras e abundantes elementos não plásticos brancos, estas de provável produção alto alentejana.

A cerâmica vidrada está representada por 8,3%, tendo sido identificadas pastas de tonalidade alaranjada de textura compacta e porosa com abundantes elementos não plásticos não rolados de quartzo hiali-

no de granulometria média (0,5mm); e pastas claras de textura compacta e porosa, contendo elementos não plásticos (escassas palhetas de moscovite) de granulometria muito fina (inferior a 0,1mm). Estas últimas pastas são comuns em pratos e taças.

Os alguidares, vidrados a verde/castanho no interior, de vasta funcionalidade, desde os contextos de cozinha à própria higiene pessoal, são as formas mais abundantes nesta categoria, com 33,33%, seguidos das frigideiras/caçoilas com 25,33%. O vaso de noite, divulgado a partir do século XVI, está representado por 9,33% e os potes por 6,67%. As formas de ir à mesa, residuais, integram pratos de paredes oblíquas com demarcação junto ao bordo e taças hemisféricas e carenadas (Fig. 6, n.ºs 1 a 8).

A cerâmica esmaltada, a branco estanífero, com paredes espessas sem decoração ou com sim-

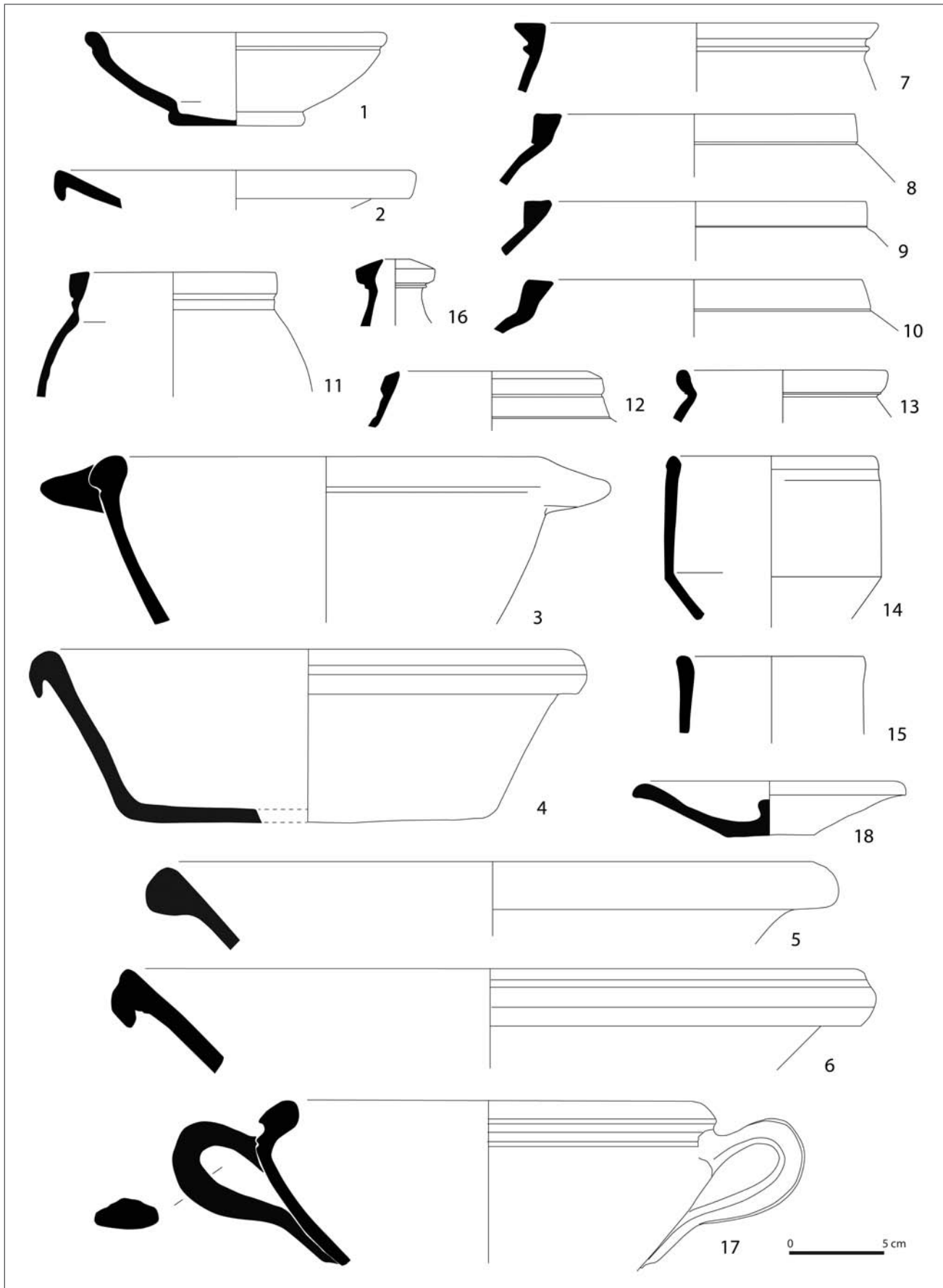


Fig. 5 - Avenida 5 de Outubro, n^os 67-69. Cerâmica comum das Cs. 8A e 8B: 1 - taça; 2 - prato; 3 - frigideira; 4 a 6 - alguidares; 7 a 10 - panelas; 11 e 12 - potes; 13 - púcaro; 14 e 15 - infusa/bilha; 16 - garrafa; 17 - fogareiro; 18 - testão.

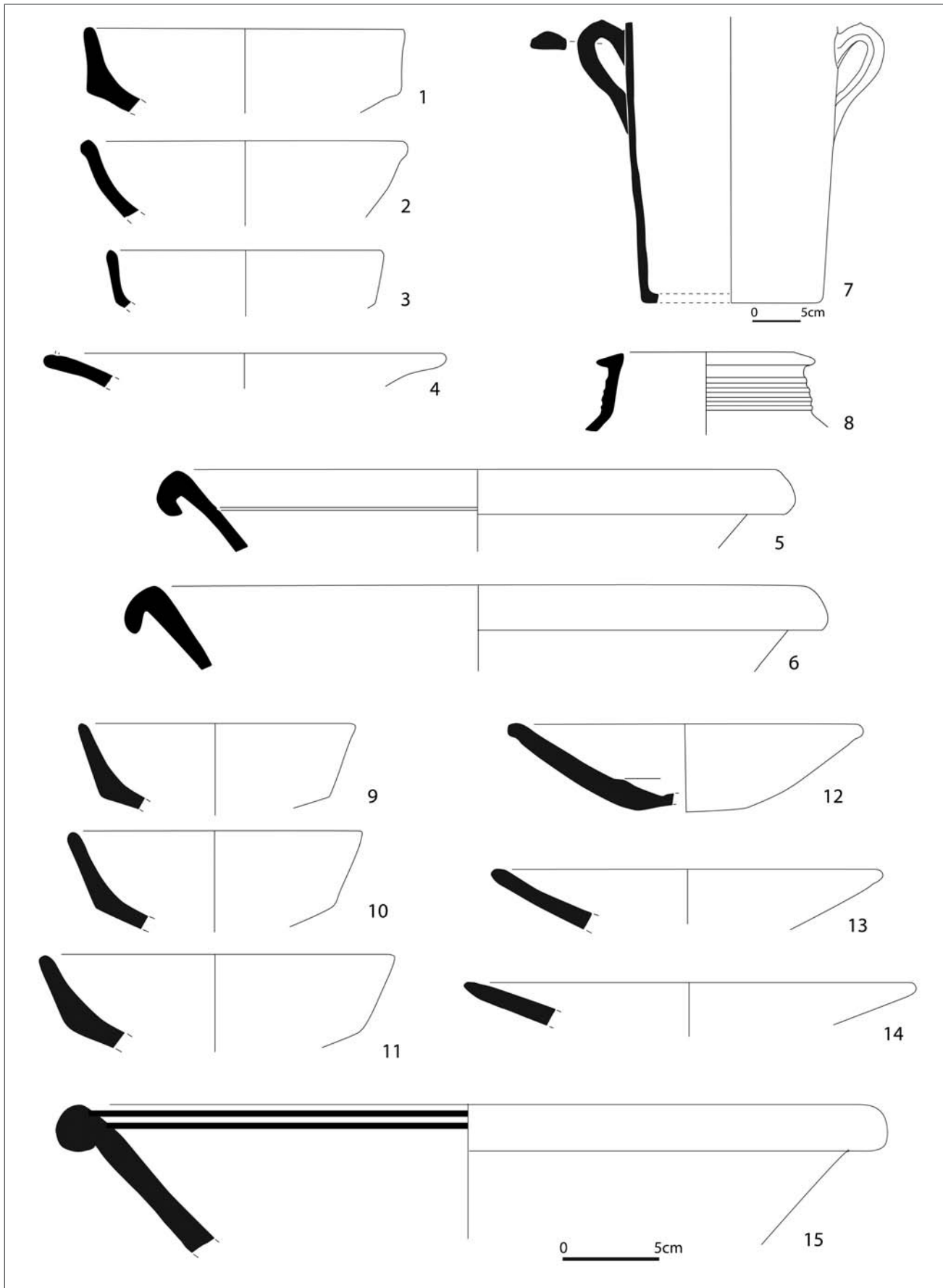


Fig. 6 - Avenida 5 de Outubro, nºs 67-69. Cerâmica vidrada a castanho e/ou a verde (nºs 1 a 3 – taças, nº 4 – prato, nºs 5 e 6 – alguidares, nº 7 – vaso de noite, nº 8 – pote); e esmaltada a branco estanífero (nºs 9 a 11 – escudelas, nºs 12 a 14 – pratos, nº 15 – alguidar com decoração de duas linhas concêntrica, a azul de cobalto, junto ao bordo).

ples linhas concêntricas, sobre o bordo e na demarcação do fundo, a azul de cobalto ocorre em 3,7%. O reportório formal caracteriza-se, essencialmente, por escudelas carenadas com pé em anel e pratos com fundo em *omphalus*. Têm pastas esponjosas de aspecto granuloso de cor clara, contendo elementos não plásticos brancos (moscovite e quartzo) que se destacam na pasta, mas com granulometria muito fina (Fig. 6, n^{os} 9 a 15). Diferenciamo-las dos exemplares sevilhanos pela caracterização das pastas, podendo corresponder, quiçá, às produções de esmaltes estaníferos da Mata da Machada (Torres, s.d.; Carmona & Santos, 2005).

A faiança (propriamente dita) representa 8,5% da cerâmica deste contexto. Ainda que, de forma residual existam exemplares de faiança sem decoração (5,16%) e um exemplar pintado a azul de cobalto e violeta de manganês (0,65%), a maioria da faiança está pintada a azul de cobalto (94,19%) (Quadro III). Os temas decorativos presentes nas faianças apontam para uma cronologia entre os finais do século XVI e o terceiro quartel do século XVII (Gomes *et al.*, 2012; *cf.* Barreira *et al.*, 1998 e Calado, 1992, 2005). As pastas mostram tonalidades amareladas de textura granulosa com elementos não plásticos de granulometria muito fina (inferior a 0,1mm) com inclusões de quartzo branco, não rolados, dispersos que podem atingir 0,5mm; raramente, surgem elementos não plásticos de cor vermelha, que podem possuir 0,5mm ou quartzos de grão grosseiro, parecendo a sua inclusão accidental. Os esmaltes empregues nas faianças apresentam boa espessura e qualidade, acusando ausência de *craquelet*.

O reportório formal caracteriza-se por pratos (49,68%), taças (19,35%), potes (1,29%) e jarrinhas (1,29%); 28,39% correspondem a formas indeterminadas.

Quanto às gramáticas decorativas, predominam as composições vegetalistas (41,5%) e geométricas (34,7%) face às fitomórficas (18,4%) e compósitas (5,4%) (Quadro IV; Fig. 7).

As composições vegetalistas caracterizam-se por estilizações florais (15,6%), folhas (8,2%), pétalas (13,6%), “aranhões” (2,7%) e motivos vegetalistas indeterminados (1,4%). As estilizações florais, folhas e pétalas, ecos de inspiração europeia, são aplicadas, essencialmente, no interior dos pratos. Com motivos de tipo “aranhões”, de influência oriental, destacamos o prato decorado com reservas preenchidas por este motivo simplificado e intercalado por flores de bonina.

As composições geométricas compreendem pequenas espirais inseridas em cartelas pseudo-

Quadro III – Avenida 5 de Outubro, n^{os} 67-69. Faiança proveniente do contexto de lixeira dos finais do século XVI ao terceiro quartel do século XVII.

Faiança portuguesa	N	%
<i>Sem decoração</i>	8	5,16
Taça	5	3,23
Prato	3	1,94
<i>Decorada na cor azul de cobalto</i>	146	94,19
Taça	25	16,13
Prato	73	47,10
Pote	2	1,29
Jarrinha	2	1,29
Ind.	44	28,39
<i>Decorada nas cores azul de cobalto e violeta de manganês</i>	1	0,65
Prato	1	0,65
Total	155	100,00

-geométricas (10,9%), semicírculos concêntricos (14,3%), reticulados (2%), ondulações verticais/horizontais (1,4%), linhas concêntricas (3,4%) e geométricos indeterminados (2,7%). Os motivos decorativos formados por pequenas espirais inseridas em cartelas pseudo-geométricas de inspiração islâmica, absorvem, também, motivos de inspiração oriental – período Wanli, da dinastia Ming – no centro de alguns pratos (Matos & Monteiro, 1994). As teorias de semicírculos, por vezes separadas por elementos fitomórficos, são outro dos motivos característicos deste contexto, registando-se decorações realizadas com pinceladas finas e firmes e pinceladas mais grosseiras e desalinhas, podendo, estas últimas, pertencer a uma fase mais tardia da produção.

As composições fitomórficas (18,4%) ocorrem, maioritariamente, no interior do fundo de recipientes abertos (pratos e taças).

As composições compósitas compreendem associações vegetalistas e geométricas (4,1%), fitomórficas e geométricas (0,7%) e, “rendas” e motivos geométricos (0,7%). O único exemplar pintado com azul de cobalto e violeta de manganês corresponde a um prato integrando teorias de “rendas” na aba e no fundo, demarcando possível motivo floral inscrito em octógono.

Quadro IV – Avenida 5 de Outubro, n^os 67-69. Faiança. Motivos decorativos.

Faiança. Motivos decorativos	N	%
COMPÓSITOS	8	5,4
Vegetalistas e geométricos	6	4,1
Fitomórficos e geométricos	1	0,7
"Rendas" e geométricos	1	0,7
FITOMÓRFICOS	27	18,4
GEOMÉTRICOS	51	34,7
Espiras inseridas em cartelas pseudo-geométricas	16	10,9
Semicírculos concêntricos	21	14,3
Reticulado	3	2,0
Ondulações verticais/horizontais	2	1,4
Linhas concêntricas	5	3,4
Geométricos ind.	4	2,7
VEGETALISTAS	61	41,5
Estilizações florais	23	15,6
Estilizações de folhas	12	8,2
Estilização de pétalas	20	13,6
"Aranhões"	4	2,7
Vegetalistas ind.	2	1,4
Total	147	100

Cerâmica de importação

Setúbal, através da exploração e comércio do sal, tornou-se num porto marítimo aberto ao comércio internacional, exportando pescado e sal necessário em especial à salga do arenque. Navios estrangeiros, sobretudo holandeses e hanseáticos, procuravam o porto de Setúbal para carregarem o precioso produto. É de salientar que, no ano de 1577, mais de 250 barcos fundearam em Lisboa e Setúbal no período de seis dias para carregarem sal, dos quais 160 eram holandeses e alemães (Soares, 2008, p.46).

Será neste contexto de porto aberto ao comércio internacional que poderão ter chegado à vila de Setúbal as cerâmicas de importação presentes neste estudo (Fig. 8).

De produção germânica chegaram recipientes em grés destinados a conter líquidos (0,2%): bilha com aplicação de vidro de sal, com paralelos em

exemplar existente na colecção do *Museum of London*, como pessoalmente observámos, atribuída ao centro produtor de Raeren, e duas canecas em grés branco, com decoração em relevo, provavelmente, produzidas em Siegburg.

De produção holandesa, surge haste de cachimbo, de pasta caulínica, com impressões de flor-de-lis dispostas em losangos, decoração esta muito divulgada pelos holandeses na segunda metade do século XVII. Fragmento similar foi identificado na intervenção arqueológica realizada no Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge, em Lisboa, com cronologia da segunda metade do século XVII (Calado, Pimenta e Silva, 2003, p.89).

A presença de produções sevilhanas (0,9%) ocorre, essencialmente, sob a forma de pratos e taças esmaltados, a branco estanífero, com pastas amareladas de textura esponjosa, aspecto granuloso com vacuolos, contendo elementos não plásticos, de cor negra, de grão muito fino. Foram identificadas formas características da série "Azul y Morado", apresentando motivos decorativos lineares e esquemáticos, pintados a azul de cobalto e violeta de manganês; e da série "Azul Lineal", oferecendo linhas concêntricas paralelas na demarcação do bordo e do fundo (Somé Muñoz & Huarte Cambra, 1999).

De produção italiana chegaram majólicas da Ligúria com esmalte "berettino" (azul sobre azul), representadas por 0,6%; destacamos um exemplar de prato em aba ligeiramente oblíqua, parede curva e base plana com pé anelar, da série "Calligrafico a volute di tipo C" (Carta, 2008). A pasta apresenta tonalidade bege, de textura esponjosa, com escassos elementos não plásticos avermelhados de granulometria média (0,5mm) de aspecto ferruginoso. O revestimento das superfícies, a azul, é de boa qualidade e aderência.

As produções orientais que chegaram ao nosso território por via da Carreira das Índias estão presentes através de porcelanas (2%) integradas cronologicamente entre o período Jiajing e Wanli da dinastia Ming (Matos, 1996; 1997). Trata-se de pratos em aba recortada e de taças decorados com motivos vegetalistas, destacando-se enrolamentos de lotus e vaso com flores, sendo este último motivo considerado como um dos oito elementos budistas. Os motivos zoomórficos surgem associados a elementos florais, traduzidos em enrolamentos de lotus e cavalo(?), rã sobre planta aquática e lotus estilizados na aba de pratos, contendo o tardez medalhões arredondados com cavalos em movimento. Por último, figuras antropomórficas foram identificadas no exterior de taça cuja composição pictórica sugere crianças a brincar.

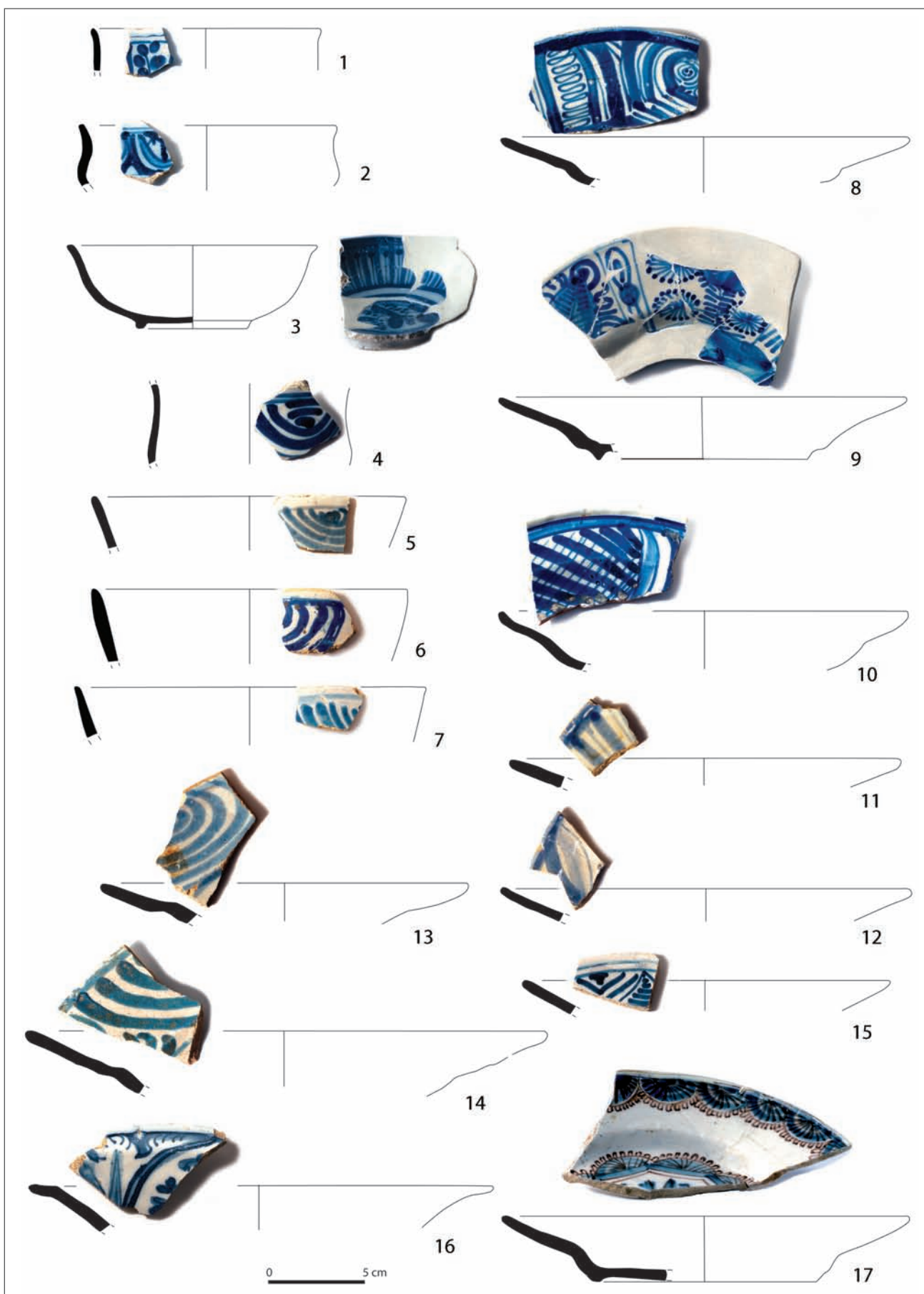


Fig. 7 - Avenida 5 de Outubro, nºs 67-69. Faiança pintada na cor azul de cobalto – composições vegetalista: taças (nºs 1 a 3) e pratos (nºs 11, 12, 15 e 16) com estilizações florais, pétalas e folhas; prato com aranhões (nº 9). Composições geométricas: prato com espirais inseridas em cartelas pseudo-geométricas (nº 8); prato com decoração reticulada (nº 10); taças (nºs 4 a 7) e pratos (nº 13 e 14) com semicírculos concêntricos. Faiança pintada nas cores azul de cobalto e violeta de manganês – composição composta: prato com teorias de “rendas” e motivo floral inscrito em octógono (nº 17).

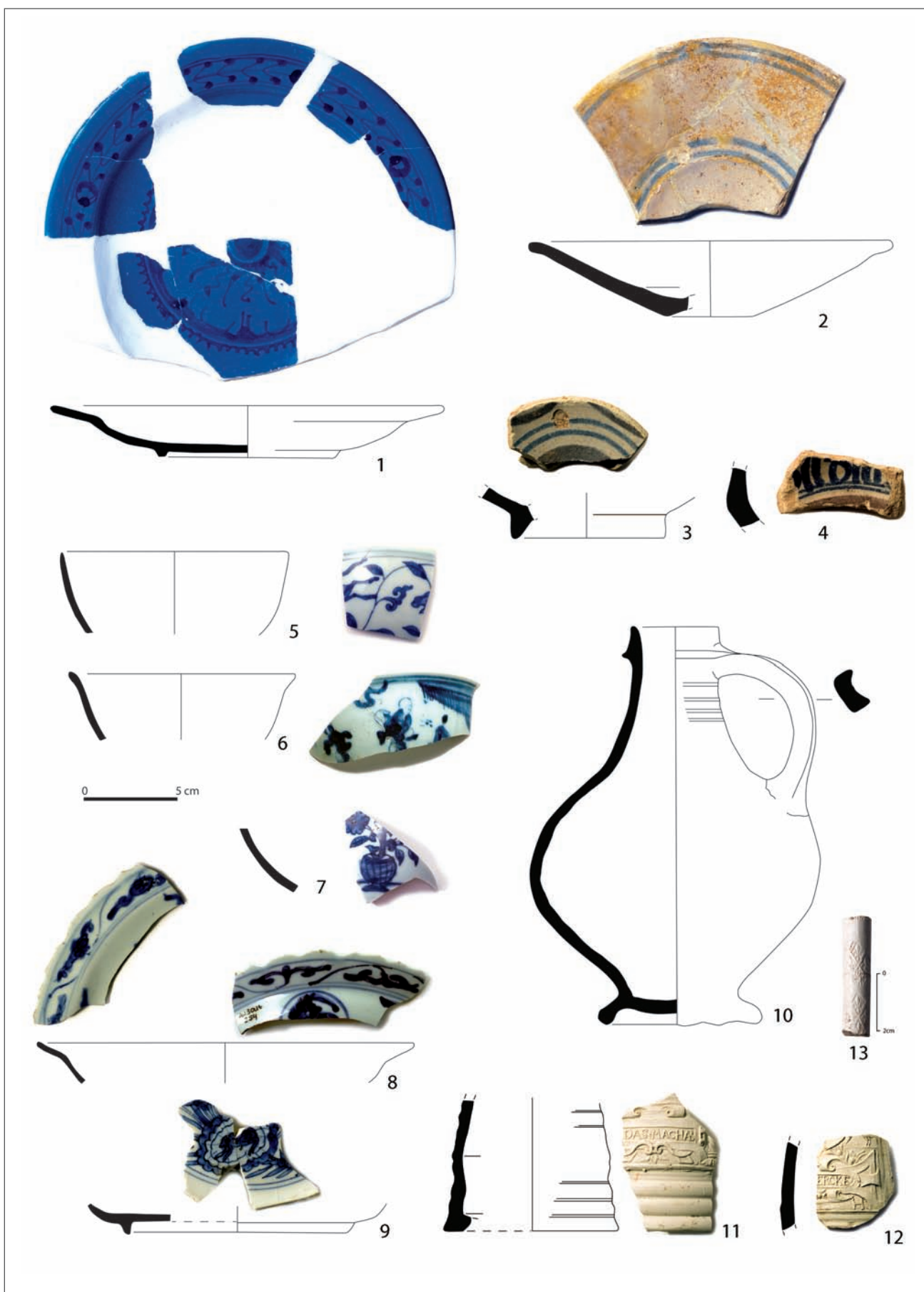


Fig. 8 - Avenida 5 de Outubro, n.ºs 67-69. Cerâmica de importação. Majólica da Ligúria com esmalte “berettino” (n.º 1); cerâmica esmaltada sevilhana da série “Azul Lineal” (n.º 2) e da série “Azul y Morado” (n.ºs 3 e 4); porcelana chinesa: taças (n.ºs 5 a 7) e pratos (n.ºs 8 e 9); stoneware germânico: bilha (n.º 10) e canecas (n.º 11 e 12); cachimbo holandês com decoração impressa de flor-de-lis (n.º 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade morfofuncional dos recipientes cerâmicos provenientes do nível de lixeira, objecto do presente estudo, parece revelar carácter eminentemente doméstico. A urbanização do espaço intramuros (Soares, 2000) deverá ter-se aproximado do pano norte do recinto muralhado da Idade Média durante o século XVI, acumulando-se contra a face externa da referida muralha os detritos domésticos resultantes dessa proximidade. Com efeito, a partir deste período, e sobretudo durante os três primeiros quartéis do século XVII, depositam-se lixos domésticos contra a face externa da muralha (Cs. 8A e 8B). É de salientar que durante o século XVI e primeira metade do século XVII, o aglomerado urbano reocupou a área abrangida na época romana e ultrapassou-a, possuindo 1907 fogos em 1553 (Soares, 2008, p.46). A exploração e comércio marítimos do sal constituíram uma das mais importantes actividades económicas da vila (Rau, 1951). A presença de cerâmicas de importação representa o reflexo desses contactos com o exterior (bem como, por outro lado, a presença de faiança portuguesa nos países do Norte da Europa para onde era exportado o sal de Setúbal – Casimiro & Gomes, 2013).

As cerâmicas esmaltadas, a branco estanífero, com paredes espessas sem decoração ou com simples linhas concêntricas sobre o bordo e na demarcação do fundo, ocupam 3,7% relativamente à totalidade do espólio cerâmico.

A faiança propriamente dita surge com 8,5% relativamente à totalidade do espólio cerâmico; é essencialmente decorada a azul de cobalto, com temas decorativos que apontam para uma cronologia entre os finais do século XVI (espirais inseridas em cartelas) e o terceiro quartel do século XVII (teorias de semicírculos concêntricos e decoração de “rendas”, esta a azul de cobalto e violeta de manganês).

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRA, P.; DORDIO, P. & TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 145-184, Tondela.
- BRAGA, P. Drumont (1989) – O regimento excepcional da aposentadoria da vila de Setúbal de 1471. *Boletim de Trabalhos Históricos*, 40, Guimarães, p.129-137.
- BRAGA, P. Drumont (1998) – *Setúbal Medieval (séculos XIII a XV)*. Setúbal: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; PIMENTA, J. & SILVA, R. (2003) – Caçimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Revista Património Estudos*, nº5, pp. 83-95.
- CALADO, R. S. (1992) – *Faiança Portuguesa. Sua evolução até ao início do séc. XX*, Ed. Correios de Portugal.
- CALADO, R. F. (2005) – *Faiança portuguesa. Roteiro do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CARMONA, R. & SANTOS, C. (2005) – *Olaria da Mata da Machada. Cerâmica dos séculos XV-XVI*. Câmara Municipal do Barreiro.
- CARTA, R. (2008) – *Difusión e influencia de la producción de la cerámica italiana entre la baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada*. Tesis Univ. Granada. Departamento de Historia Medieval y Ciencias y Técnicas Historiográficas. <http://hdl.handle.net/10481/2018> [consultado a 20 de Abril 2013].
- CASIMIRO, T. M. & GOMES, M. V. (2013) – Salt route. In M. V. GOMES & T. M. CASIMIRO (eds.) – *On the World's Routes. Portuguese Faience (16th-18th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 95-96.
- DUARTE, S.; SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C. (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castellos nºs 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. In *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa (Setúbal Arqueológica, 15)*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal, p.341-372.
- GOMES, M. V.; CASIMIRO, T. M. & GONÇALVES, J. (2012) – *Espólio do naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde). Contributo para a Arqueologia da Expansão*. Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- MATOS, M.^a A. P. (1996) – *A casa das Porcelanas. Cerâmica da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa.
- MATOS, M.^a A. P. (coord) (1997) – *Azul e branco da China. Porcelana ao tempo dos descobrimentos. Coleção Amaral Cabral*. Lisboa.
- MATOS, M.^a A. P. & MONTEIRO, J. P. (1994) – *A influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII/Oriental influence on 17th century portuguese ceramics*. Lisboa/Milão: Museu Nacional do Azulejo.



MAYET, F.; SCHMITT, A. & TAVARES DA SILVA, C. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion E. de Bocard.

RAU, V. (1951) – *A exploração e o comércio do sal de Setúbal, estudo de História económica*, I. Lisboa.

SOARES, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. In *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida (Trabalhos de Arqueologia, 14)*, pp.101-130, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

SOARES, J. (2008) – *Embarcações tradicionais do Sado. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, Setúbal.

SOARES, J.; DUARTE, S. & TAVARES DA SILVA, C. (2005-07) – Sismos e arqueologia urbana. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº. 69, Setúbal. In *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios, 2*, pp. 83-102.

SOMÉ MUÑOZ, P. & HUARTE CAMBRA, R. (1999) – La cerámica moderna en el convento del Carmen (Sevilla). In *Arqueologia Medieval, 6*, Campo Arqueológico de Mértola, p.160-171.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. & DUARTE, S. (2004) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87. In *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios, 1*, pp. 137-152.

TORRES, C. (s.d.) – *Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa, Mata da Machada – Barreiro*. Câmara Municipal do Barreiro.

http://archive.museumoflondon.org.uk/ceramics/pages/object.asp?obj_id=116576 [consultado a 20 de Abril 2013]